

SANTA CRUZ



FUNCHAL



A TRAGÉDIA DEU-SE NA RIBEIRA DOS SOCORRIDOS, MAS O PERIGO ESPREITA EM MUITOS LOCAIS

NELIO GOMES
ngomes@dnoticias.pt
ORLANDO DRUMOND
odrumond@dnoticias.pt
VICTOR HUGO
vhugo@dnoticias.pt
MARCO FREITAS
mfreitas@dnoticias.pt

O perigo espreita em diversas encostas rochosas da Madeira. Há fendas de tamanho considerável, pedras que ameaçam se desprender e terras soltas. Que se observam a olho nu. O mais grave é que há muitas construções - algumas bem recentes - edificadas sob zonas inseguras.

Numa ronda feita por toda a ilha foram diagnosticados vários casos preocupantes, a exigir atenção da parte das autoridades competentes. No Funchal, há zonas críticas na

periferia, mas também bem perto do centro. A começar pela Fundoa, em São Roque. Em dois locais distintos. O primeiro está situado na base de uma pedreira entretanto extinta. Ali funciona um armazém, mas existe um projecto para implementar uma indústria de panificação. A encosta abrupta, vista de cá de baixo, não inspira segurança: a rocha não disfarça o efeito dos rebentamentos a que foi sujeita durante décadas, as terras também não garantem sustentação. Uma queda de água, que jorra ininterruptamente, faz adensar os receios.

A poucos metros de distância, laboram algumas empresas encurraladas entre rochedos, alguns deles já parcialmente desmantelados pela pólvora, e a Ribeira de Santa Luzia. Um cenário que também não inspira grande confiança.

Em Santo António, acima do Campo do Andorinha, há mais motivos para preocupação. Há cada vez mais empresas instaladas naquele vale, cujas encostas não parecem muito fiáveis. A rocha até aparenta firmeza, mas as terras nem por isso.

O que também preocupa são as pedras que já elevam o leito da ribeira ao nível do caminho. É já na parte

PERIGO EM NÚMEROS

11 Número de situações de perigo iminente encontradas entre o concelho do Funchal e uma ronda pela costa leste da Ilha.

10 Na costa Norte, zona de grandes escarpas, foi possível detectar dez zonas onde o perigo de derrocada espreita. Mas existem muitas mais.

10 Na zona Oeste da Madeira o perigo mora em cima de construções privadas e algumas obras públicas.

final e pode trazer graves problemas se a caudal for muito.

Bem perto do centro também se observam situações perigosas. No vale da Ribeira de João Gomes há vários locais que justificam atenção redobrada, desde a zona do armazém da Câmara Municipal do Funchal até à Rua Nova do Matadouro - já com antecedentes na queda de pedras. Aqui, logo no início do arruamento, é visível uma grande rocha a ameaçar desprender-se. Há moradias por baixo e por cima.

Nos Viveiros, a encosta sobranceira ao novo troço da Rua 5 de Outubro também regista um historial de queda de rochas. Ali existem quatro habitações e duas delas foram construídas em paralelo com o novo arruamento, em contrapartida pela demolição das antigas habitações.

A Leste o perigo também espreita, não só quem está em baixo, mas também aqueles que se põem em cima. Logo à saída da 'capital', a cobijada zona do Garajau é um exemplo desta dupla faceta. A requalificada zona balnear evidencia o perigo iminente de toda a escarpa envolvente. No topo desta, a pressão da construção 'atirou' para a beira da falésia várias habitações,

algumas das quais suportadas por uma base de sustentação duvidosa, onde as fendas no rochedo que as 'segura' já são bem visíveis.

A zona envolvente à ribeira da Boaventura, em Santa Cruz, também expõe a iminência do risco, tanto cá em baixo, onde existe o armazém da Câmara, como lá em cima, onde vêem-se habitações construídas já para além do limite da escarpa.

Machico também não é excepção. Aqui o alvo é a zona dos Marroços, sobretudo na zona envolvente à antiga pedreira. No Porto da Cruz uma moradia à beira-mar bem atrás de uma 'frágil' encosta.

Um périplo pelos três concelhos do Norte da Madeira possibilita a percepção de inúmeras situações onde o perigo da queda de derrocadas é iminente.

Logo à chegada do concelho de Santana, em São Roque do Faial, encontramos uma escarpa enorme que põe em perigo cerca de oito casas. Do outro lado do vale, junto à Ribeira de São Roque, os estaleiros da AFA fazem 'paredes meias' com uma escarpa de pelo menos 50 metros. Uns metros mais à frente, próximo do Snack-Bar/Restaurante as Grutas do Faial, um monte em pedra ameaça cair, nas palavras do proprietário do bar, há "muito tempo".

Ainda no concelho de Santana, merece registo a enorme escarpa da Rocha do Navio, que coloca em alerta cerca de nove casas. O perigo também 'paira' na encosta acima

HÁ QUEM VIVA COM O PERIGO À ESPREITA POR CIMA OU POR BAIXO DA CASA.

do Complexo Balnear de São Jorge.

Já em São Vicente são inúmeras as escarpas que ameaçam soltar-se. Em Ponta Delgada, uma encosta coloca em perigo oito casas da rua Manuel Sanha, bem próximo do complexo balnear desta localidade.

A ameaça de derrocada mais evidente encontra-se na frente-mar de São Vicente. Mesmo por cima de um novo estabelecimento, é possível observar uma fissura significativa na escarpa. No Porto Moniz merece destaque a encosta da Ribeira da Janela, que com uma altitude considerável põe em perigo 6 casas ali existentes. Já na vila do Porto Moniz, a escarpa enorme que ali existe, mesmo por cima da sede da PSP, põe em perigo mais de 30 casas ali existentes.

Na costa Oeste foi possível encontrar diversos casos onde o perigo é praticamente vizinho dos moradores ou até de quem utiliza as instalações para exercer funções.

Da Calheta a Câmara de Lobos, passando pelos concelhos intermédios de Ponta do Sol e Ribeira Brava, alguns destas infra-estruturas possuem inclusive um registo histórico acidental.

São por exemplo, o bloco de apartamentos situado junto à rotunda da vila da Calheta, é também o edifício Rocha Mar, na Ribeira Brava e ainda o Complexo Habitacional do Serrado do Mar, em Câmara de Lobos. Todos estes já sofreram danos na sua estrutura devido a derrocadas.

Os outros, as imagens falam por si, a Maricultura da Calheta, o edifício Onda Parque, na Avenida D. Manuel I, encontram-se erguidos por baixo de escarpas instáveis.